
Mulheres Jornalistas na Redação e Administração do Jornal *Gazeta do Povo* – um Estudo de Memória Jornalística e Gênero¹

SILVA, Claudia SANTOS
LIMA, Myrian Del Vecchio
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO

Este trabalho constitui a primeira etapa de pesquisa de Iniciação Científica, ainda em curso, inserido no contexto da história do jornalismo e da imprensa. Analisa a participação e protagonismo de mulheres jornalistas no jornalismo do Paraná, aqui especificamente na redação do centenário jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba. Até o momento, foi construída uma linha do tempo que ilustra a participação tardia de mulheres no jornal, por meio de revisão bibliográfica que contextualiza a sociedade local em diversos momentos, como pano de fundo que influenciou as atividades de jornalistas pioneiras neste jornal. Para compreender o processo também no microespaço da redação do jornal, além de consulta documental, a pesquisa vem realizando entrevistas, em áudio e vídeo, com um grupo de mulheres selecionadas para recuperar sua memória de atuação jornalística.

PALAVRAS-CHAVE

história do jornalismo; jornalismo local. mulheres jornalistas; *Gazeta do Povo*; imprensa paranaense.

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere uma questão de gênero em um estudo de memória jornalística: a representatividade das mulheres jornalistas na trajetória do centenário jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, PR. Tem como objetivo geral salientar os marcos do protagonismo feminino no jornal em questão. Para tanto, levanta dados estatísticos para verificar a razão pela qual em um momento em que o jornal acaba de transitar do impresso para o digital (2017), a participação das mulheres na redação caiu para menos de 30%, enquanto a média nacional é de 64%. Entendemos que os avanços e recuos sistemáticos, observados em várias instâncias desta empresa jornalística, e não apenas na representatividade das mulheres, deve-se à dificuldade que o jornal apresenta de se assumir como “jornal de verdade”, ou seja, de assumir o papel de um jornalismo

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

entendido a partir da visão de Traquina (2011): um relato à sociedade dos fatos de interesse público. Como objetivo específico, deste artigo, apresentamos os resultados iniciais de um trabalho que busca detalhar os momentos em que as mulheres jornalistas protagonizaram avanços no projeto gráfico e editorial do jornal, apesar de terem baixa representatividade quantitativa.

A pesquisa de Iniciação Científica para alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (PR) faz parte de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento sobre a desmaterialização da *Gazeta do Povo* em âmbito de Grupo Click – Comunicação e Cultura Ciber do CNPq. Justifica-se ainda como forma de produzir evidências de memória de um jornal que completou 100 anos em 2019. Metodologicamente, está em desenvolvimento uma pesquisa de memória, por meio de consultas documentais, aliada ao procedimento de coleta de informações qualitativas: a realização de entrevistas semiestruturadas com as jornalistas que participaram dos marcos de protagonismo feminino identificados (ou de pessoas que com elas conviveram), baseadas em um roteiro prévio com questões gerais e individualizadas. A pesquisa exploratória documental permitiu compor uma linha do tempo formada por 20 mulheres jornalistas que atuaram em diferentes fases no jornal objeto inicial da pesquisa.

Até o final de abril de 2019, alunos de Iniciação Científica ligados ao projeto haviam realizado entrevistas com duas personagens da linha do tempo, uma delas em áudio e vídeo, além de levantarem o perfil da primeira mulher com carteira registrada como jornalista no Paraná, Rosy de Sá Cardoso, em fins da década de 1940; e realizado cinco contatos para marcar entrevistas, aspecto que vem sendo bastante dificultado pelas mulheres jornalistas, que frequentemente desmarcam ou adiam encontros já agendados. Assim, como resultado preliminar registramos o protagonismo destas mulheres em épocas em que o jornal era formado por uma redação majoritariamente masculina, em especial em cargos de chefia, e já percebemos que muitas delas não têm a percepção de seu próprio protagonismo, identificado por uma série de ações que redundaram em mudanças editoriais importantes no jornal examinado.

A MULHER JORNALISMO COMO OBJETO DE ESTUDO

Além de oportuna, por ser realizada quando o periódico comemora seu centenário, e quando entra em uma fase de novas práticas jornalísticas (LIMA;

CAETANO, 2015), em função do fim das edições impressas e do início de edições exclusivamente digitais online, este trabalho deriva de uma pesquisa que faz parte dos chamados estudos de representação feminina que estão sendo realizados com bastante ênfase em diversas áreas das ciências sociais, humanas e da comunicação. Em especial, somam-se a vários trabalhos sobre a representação feminina, especificamente no campo da mídia jornalística (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017; SANT'ANNA, 2013; SILVEIRINHA, 2004, entre vários outros).

Estudiosos sobre o tema (CASTELLS, 2000; CASACA; 2012; SOUZA, 2014) concordam que mesmo com o avanço que integrou a mulher à esfera socioeconômica, especialmente no campo do trabalho, promovendo a feminização de alguns setores, persistem as lógicas de desigualdade, hierarquização profissional e permanência de estereótipos e preconceitos ligados ao gênero. No campo midiático e no subcampo jornalístico, esta lógica se confirma ao evidenciar uma representação simbólica assimétrica das mulheres nos mais diversos contextos (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017, p. 132).

Durante as discussões do grupo de pesquisa de Iniciação Científica, levantou-se a necessidade atual de se estudar a trajetória dos jornais impressos locais, como é o caso da *Gazeta do Povo*, atividade que, além de se integrar o chamado jornalismo de memória, se faz fundamental em um momento de crise do modelo de jornalismo de massa, diante de impasses de produção, distribuição e consumo de conteúdos condicionados fortemente pelas tecnologias digitais em rede, que exigem novos modelos de negócios na área.

Com relação ao principal jornal de Curitiba, a *Gazeta do Povo*, entende-se que os constantes avanços e recuos editoriais ocorridos ao longo de sua história, e que podem ser observados em várias instâncias da empresa jornalística, e não apenas na representatividade das mulheres, deve-se à dificuldade que o jornal apresenta de assumir o papel de um jornalismo entendido a partir da visão de Traquina (2011), que o coloca como um relato à sociedade dos fatos de interesse público; e há uma infinidade de assuntos que só ganham o debate público depois que os jornalistas investem seu tempo para investigá-los e lhes dar visibilidade.

Assim, apesar das pesquisas sistemáticas sobre o leitor e a leitura encomendadas pela *Gazeta do Povo* ao longo do tempo (VECCHIO-LIMA; FERNANDES, 2018),

incluindo-se projetos de leitura de jornal nas escolas públicas do Paraná, como o *Ler e Pensar* (ARAÚJO, 2019), além de 20 anos de investimentos em equipamentos, cursos e redações, não se conseguiu alterar o perfil do jornal, governista (em termos locais e/ou nacionais) e conservador em termos de interesse de um público mais amplo, voltado para uma classe média curitibana também conservadora em seus valores, o que se pode aplicar a outros jornais brasileiros:

Em suma, os jornais que publicavam releases, que viviam de classificados, dado ao jornalismo declaratório, focado apenas na edição de domingo, sem pautas próprias e viciado em dar notícias velhas, com tratamento preguiçoso, era também o jornal que tinha uma relação frágil com seus leitores. Muitas empresas brasileiras se encaixavam nesse perfil, chamado no jargão de “chapa branca”, entre esses a *Gazeta do Povo* (VECCHIO- LIMA; FERNANDES, 2017).

Ao voltar, ao ponto de representação feminina, apontamos que em março de 2018 eram apenas cinco repórteres mulheres contratadas em chefias pela *Gazeta do Povo* em um quadro de cerca de 120 jornalistas contratados na redação e cadernos temáticos. Dados que mostram a relação entre jornalistas homens e mulheres na redação do jornal em diferentes períodos serão evidenciados pela pesquisa de forma a mostrar o crescimento/decréscimo da representatividade feminina na redação. Lembramos ainda que o jornal tem realizado demissões sistemáticas nos últimos anos.

UMA REDAÇÃO QUE ADMITIU MULHERES TARDIAMENTE

Em 3 fevereiro de 2019, o jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, Paraná, completou cem anos, sendo um dos títulos mais antigos do país. Neste longo percurso, marcado por altos e baixos em várias instâncias, evidencia-se a trajetória de mulheres jornalistas, que partiu da inexistência do “segundo sexo” (BEAUVOIR, 1970) nas redações do centenário periódico, ausência mantida por um extenso período. Neste trajeto, entretanto, mesmo que de forma gradual e tardia, foram as jornalistas mulheres as responsáveis por alguns marcos importantes no perfil gráfico-editorial do jornal. Curiosamente, em anos recentes, a curva ascendente da participação das jornalistas decresceu no periódico, contrariando os percentuais de pesquisa nacional (BERGAMO; MICK *et al*, 2012) que demonstram a feminização das redações brasileiras e de pesquisa

internacional (GMMP, 2015), que mostra a feminização crescente das redações na América Latina.

O jornal *Gazeta do Povo*, em 31 de maio de 2017, deixou de circular em sua versão impressa, desmaterializando-se para um formato apenas virtual para suas atualizações diárias. Sobre o jornal, Fernandes; Santos (2010), citados por Fernandes; Lima e Dalla Costa (2019, n.p.) destacam que:

A *Gazeta do Povo* se fez na base dos classificados, cresceu nos anos da ditadura militar com os assuntos de macroeconomia e protagonizou mais de 30 campanhas, a exemplo daquela sobre os *royalties* advindos da Usina de Itaipu. Paralelo, tinha pouca conexão com o público, o que começou a mudar nos anos 1990, com uma reação frente ao avanço da internet. Os investimentos foram vultosos, mas a resposta do público demorou.

E é neste momento de transição do impresso para o digital que este trabalho busca destacar o papel da mulher jornalista na redação e administração da *Gazeta do Povo*. Ou seja, queremos salientar *os marcos do feminino* neste jornal, tendo como base uma perspectiva de pesquisa histórico-descritiva que irá evidenciar três momentos, a partir de revisão bibliográfica, consulta a documentos e entrevistas com personagens envolvidos.

Uma primeira constatação obtida pela revisão bibliográfica e consulta a jornalistas locais que trabalhou por longos anos na *Gazeta do Povo* e é um dos seus “biógrafos”, é a da entrada tardia das mulheres no jornal, de forma sistemática nos anos 1970. Essa mudança se deu apenas no setor de variedades e não ainda nas editorias principais, diferentemente do jornal *Diário do Paraná*, que circulou de 1955 a 1983 em Curitiba, e que admitia mulheres jornalistas desde sua origem. Sintomaticamente, as primeiras jornalistas a adentrarem na *Gazeta do Povo* são oriundas do *Diário do Paraná*. Um pouco antes, nos anos 1960, mulheres não jornalistas, mas professoras, trazem outro olhar para o interior do jornal, o que irá se refletir em seu conteúdo, produzindo um “frescor” editorial. Convidadas a migrar do jornal *O Estado do Paraná*, para as páginas da *Gazeta*, estas mulheres eram responsáveis, na época, por grandes reformas na área da educação no estado e criaram as matrizes de suplementos infantis nos jornais diários de Curitiba. Entre elas, citamos Silvia Bittencourt e Maria Luiza Dorfmond, descendentes da maior educadora do Paraná Tradicional, a pernambucana Emília Ericksen.

Um destaque anterior ocorre com a jornalista Rosy de Sá Cardoso, que após 30 anos de experiência profissional foi a primeira mulher a ser contratada como jornalista pela *Gazeta do Povo*, em 1977, e a primeira mulher a ter registro profissional de jornalista no estado do Paraná, ao ser contratada pelo jornal *O Dia*, em 1948.

Mas foi em dezembro de 1984, com o início de circulação do suplemento dominical *Viver Bem* (com o título inicial “Para Viver Bem. Para morar bem”), criado por uma mulher, Nereide Michel, que o jornal *Gazeta do Povo* começa a valorizar as fotografias, as entrevistas e dar destaque aos personagens das matérias, aspectos adotados por este encarte de variedades que migraram para todo o jornal, contribuindo para o estabelecimento de um perfil mais moderno. Ou seja, a dinamização editorial é introduzida no jornal pelas mãos de uma mulher que atua na área de variedades.

Já na década de 1990, a jornalista Ana Amélia Filizola, filha do proprietário do jornal Francisco da Cunha Pereira, convenceu o pai — não sem certa resistência — a criar a editoria *Cultura G*, precursora do *Caderno G*, páginas/suplemento de cultura, que irão promover nova revolução gráfico-editorial no jornal, por apresentar como recurso corrente matérias assinadas. O *G* constitui durante alguns anos o mais importante caderno de cultura de Curitiba, circulando todos os dias e com matérias especiais no final de semana. Atualmente, na virada do impresso para o digital, o caderno cultural deixou de ser editado. Neste contexto inicial do suplemento, Ana Amélia Filizola também introduz em todo o jornal a prática de assinatura de matérias que a *Gazeta* ainda não adotara, ao contrário da maioria dos grandes jornais contemporâneos a ela. É neste período que outras jornalistas se inserem ao periódico, como Glenda Mezzaroba e Mariangela Guimarães. As mulheres se destacam como revisoras; e surgem repórteres de geral do sexo feminino, além da primeira mulher editora na área de Economia, Clarice De Alda.

Na área administrativa, Ana Amélia também é a primeira mulher a assumir um cargo diretivo, em 1996, e promove a reforma editorial de 1997, junto com seu irmão Guilherme Döring Cunha Pereira, ao seguirem a orientação dada por consultoria contratada da Universidade de Navarra. A jornalista Silvia Zanella, especialista por Navarra, assume o projeto digital do jornal nesta década, antes sob controle de jornalistas homens. Mas, no geral, as mulheres continuavam seu protagonismo ainda a partir de sua inserção nas chamadas editorias de variedades ou como editoras de final de tarde/adaptadoras de releases que chegavam à redação. Até que no período de 2003 a

2007, a jornalista pernambucana Claudia Belfort se torna a primeira diretora de redação, seguida no período 2010-2015 pela jornalista paulista Sandra Gonçalves. Ambas eram radicadas em Curitiba antes do cargo e trabalhavam em outras funções na *Gazeta do Povo*.

Entretanto, depois das mulheres apresentarem um número até superior aos homens na redação do jornal em questão (o que não ocorreu em cargos administrativos), em especial no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, percebe-se hoje (2018-2019) um recuo na representatividade feminina, que volta a imprimir uma lógica masculina ao jornal. Pode-se afirmar, por ora, — o que será posteriormente apontado em percentuais — um número de mulheres jornalistas que mal atinge o percentual de 30%. Leva-se em conta os contratados que atuam em editorias e cadernos, excluindo-se *freelancers*, estagiários ou *trainees*, o que contraria o percentual nacional de 64% de mulheres nas redações jornalísticas do país (BERGAMO; MICK *et al*, 2012).

JORNALISMO E MEMÓRIA, COM RECORTE EM MULHERES

Ao construir a memória de uma instituição de ciência, no livro *Memória da Bioquímica no Paraná: a criação de uma escola de pesquisa*, Lima (2012, p. 11) assinala que “a memória das instituições se confunde com a história de vida e com as vivências profissionais das pessoas.” E que são as vozes dessas pessoas “que tornam possível confrontar os diversos pontos de vista, as opiniões, os sentimentos, ou recuperar detalhes relativos aos mesmos fatos, agregando-lhes ressignificação.”

É neste sentido que o delineamento da história das mulheres protagonistas na trajetória histórica do jornal paranaense *Gazeta do Povo* significa “a possibilidade de dar voz às pessoas que ao longo do tempo, participaram como atores” (LIMA, 2012), da história desta instituição jornalística, construindo sentido para esta história.

Assim, este trabalho está relacionado com a memória do jornalismo, que de acordo com Alexandre Bergamo (2011) é uma concepção que deve ser entendida como portadora de uma relação direta com a identidade jornalística. Ao resgatar aspectos do jornal *Gazeta do Povo*, em um momento histórico em que o periódico completa seu centenário, mas também passa por uma metamorfose radical, ao deixar de ser impresso para ser publicado de forma apenas digital online, essa pesquisa se insere em uma linha

memorialística sobre a imprensa que busca contribuir para a cultura nacional e regional/local.

Ao mesmo tempo, esta pesquisa apresenta um recorte específico sobre parte da trajetória deste jornal, ao privilegiar o percurso das mulheres jornalistas neste periódico. Tal recorte assinala a relação entre a memória do jornal e sua identidade jornalística. No caso, aquela que foi alterada, por meio do protagonismo feminino, trazendo ao jornal novas características de perfil gráfico-editorial, modernizando-o e permitindo-lhe atualização e contemporaneidade.

Este mesmo recorte sobre a representação das mulheres no jornal estudado faz parte, de forma ampla, dos estudos de gênero (SCOTT, 1995, p. 86). Essa autora define gênero como uma conexão de duas proposições — “gênero como elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Mas o recorte da pesquisa se situa especificamente entre os estudos que buscam estudar a inserção da mulher no mercado de trabalho, com suas características desiguais em relação ao homem (CASACA, 2012), ao focar esta inserção desigual em termos do trabalho de jornalistas mulheres (VIEIRA; SOUZA, 2014), na trajetória histórica — do impresso ao digital — do jornal em exame.

Ao trazer a fala de mulheres que protagonizaram papéis representativos na *Gazeta do Povo* a pesquisa também contempla aspectos da rotina produtiva de conteúdos jornalísticos na redação. Ou seja, nos conceitos relativos ao *newsmaking* (HOHLFELDT, 2001) no jornalismo impresso tradicional, mas adentrando ao final da trajetória espacial pretendida (1960-2018), às novas práticas jornalísticas delineadas pelas tecnologias digitais de informação, que alteram o jornalismo em si, embora mantenha suas essencialidades (RUELLAN; ADGHIRNI, 2011), e levam as organizações jornalísticas a busca de novos modelos de negócios baseadas na oferta de produtos em plataformas digitais.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa, nesta primeira etapa do projeto, consistiu em reuniões conjuntas entre dois grupos de Iniciação Científica que se dedicavam à

memória do jornal *Gazeta do Povo*². Os estudantes/pesquisadores dos dois grupos, sob orientações dos professores José Carlos Fernandes e Myrian Del Vecchio de Lima, se reuniram numa sequência de três encontros para leituras, reflexões e apresentação de seminários que explanassem a desmaterialização do jornal *Gazeta do Povo*, que passou a circular, desde maio de 2017, apenas em formato digital; e a discussão de aspectos históricos do jornal, a fim de compreender sua trajetória institucional e a partir disso, abordou-se a participação das jornalistas mulheres por meio de suas trajetórias individuais.

Após a sequência de encontros, com a integração entre os dois grupos, os professores orientadores dividiram suas equipes para a realização das atividades propostas por ambos e passaram a orientar em duplas, realizando reuniões separadas. O grupo sobre mulheres na imprensa se reuniu para preparar um plano de trabalho, levantar uma linha do tempo formada pela participação de mulheres jornalistas protagonistas no jornal, construir um roteiro para as entrevistas propostas, levantar nomes, endereços e trajetórias das entrevistadas, pesquisar contatos pessoais como telefone e e-mail e agendar as entrevistas.

É preciso registrar que este processo de marcação de entrevistas vem se mostrando demorado, revelando uma não percepção da importância deste tipo de pesquisa feita por jovens pesquisadores universitários. Nenhuma das jornalistas deixou de se mostrar interessada em realizar a entrevista, mas há um sem número de adiamentos e desmarcações, o que leva a descumprimento de prazos estipulados em cronograma.

Antes de realizar a entrevista, foram agendados encontros para orientações técnicas: qualidade fotográfica, verificação dos equipamentos de áudio para captação do som e condução de perguntas às entrevistadas. As duas entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2019 foram gravadas em áudio e uma delas em vídeo, a partir de um roteiro aberto pré-organizado e já foram transcritas. Todo o material transcrito, além dos áudios e imagens, está sendo colocado em uma página fechada do Facebook, da qual são membros todos os estudantes do grupo de Iniciação Científica. As entrevistadas estão sendo fotografadas por um estudante designado para isso.

² O grupo de Iniciação Científica que integra especificamente a pesquisa descrita neste artigo é composta pelos anos de Jornalismo Claudia Santos da Silva (bolsista), Bruna Durigan, Carolina Pissaia Calixto, Enzo Labre Gutierrez Gomes, Luciana Mello e Mariah Colombo (voluntários).

Do ponto de vista teórico, além das questões próprias do jornalismo e dos jornais, foram verificados dados atualizados sobre a situação da representação feminina nas mídias jornalísticas internacionais, e nacionais, e estudados conceitos teóricos de diversos autores sobre representatividade feminina no trabalho e em especial no trabalho jornalístico.

Após a conclusão das entrevistas, os dados obtidos serão analisados assim como o conteúdo das falas coletadas, por meio de análise de conteúdo à moda de Bardin (2011), de forma a atender aos objetivos da pesquisa, bem como caracterizar e valorizar os marcos do feminino na *Gazeta do Povo*, como parte da memória deste periódico. Na análise serão privilegiados os aspectos qualitativos, sendo feita a partir de categorias que surjam da própria coleta de informações e depoimentos, ao invés de forçar categorias para que os resultados caibam em seu interior.

RESULTADOS INICIAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários resultados com relação à compilação da dados e constatações sobre a memória do jornal *Gazeta do Povo*, e de algumas jornalistas protagonistas que por ali passaram (ou ainda lá permanecem), já foram relatadas no corpo deste texto, em especial a partir das leituras bibliográficas e pesquisas documentais.

Essa breve revisão histórica sobre os marcos do feminino no jornal está sendo adensada, por meio de entrevistas em profundidades com 20 personagens, mulheres jornalistas, selecionadas e que compõe uma linha do tempo, que vai da pioneira Rosy de Sá Cardoso, em 1977, até as primeiras diretoras de redação que assumem tal função apenas nos anos 2000. Mas, já se pode concluir, pela revisão bibliográfica e documental, que a primeira leva de mulheres que alteraram a estrutura rígida do jornal veio da área de educação; e que apesar de entraram tardiamente na redação, mudanças estruturais significativas ocorreram na *Gazeta do Povo* por meio do protagonismo de mulheres, mesmo, que atuassem nas editorias de variedades do jornal e não na linha das *hard news*, praticada em editorias tradicionais, como política, economia e cidades.

Com relação aos resultados coletados por meio das entrevistas em profundidade, como já dito, nesta primeira fase duas entrevistas foram realizadas, sendo elas com as jornalistas Marleth Silva (que atuou de 1986 até 1989 como estagiária, retornando como profissional no ano de 2000 até 2019) e Nereide Michel (que entrou como estagiária no ano de 1970, teve registro em carteira em 1972 e atuou como jornalista até o ano de

2003). Quatro outras jornalistas têm seus perfis levantados e foram contatadas para entrevistas em abril de 2019: todas adiaram as datas inicialmente marcadas e os pesquisadores estavam no início de maio dependendo de novas indicações de datas por parte das fontes.

Nas duas entrevistadas gravadas, com apoio fotográfico, as jornalistas relataram suas trajetórias na *Gazeta do Povo* e, por meio de suas próprias vivências, trouxeram relatos sobre a percepção individual com relação a sua participação como mulheres jornalistas em uma redação predominantemente masculina. As entrevistadas trouxeram uma realidade mais detalhada sobre problemas estruturais que as redações de décadas atrás apresentavam, a exemplo da falta de banheiros para mulheres, do público profissional ser majoritariamente formado por homens e da dificuldade de pautar a mulher, de forma geral, até mesmo como fonte, na imprensa, em especial na abordagem de temáticas voltadas à violência doméstica e enfatizando questões ligadas ao protagonismo feminino, como acontece atualmente.

Nesta primeira fase desta pesquisa podemos verificar o papel representado por determinadas mulheres jornalistas no âmbito do jornal em estudo, de forma a construir sentido para o trabalho jornalístico praticado, conferindo-lhes dinamicidade, contemporaneidade e qualidade conectada ao interesse público. Este papel de protagonismo feminino na redação do jornal, embora raro, parece ter sido decisivo para que o jornal evoluísse em alguns aspectos técnicos e editoriais.

Lembramos ainda que a pesquisa busca não apenas o resgate memorialístico da representatividade feminina na redação da *Gazeta do Povo*, durante várias décadas, mas também a obtenção de uma visão crítica sobre a forma de fazer jornalismo em um periódico que sempre se destacou mais pela venda de classificados, publicações de releases e prática de um jornalismo declaratório (LIMA; FERNANDES et al, 2017) do que em produzir jornalismo comprometido com seus princípios e essencialidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileira. In: **Mana**, v. 17, n. 2, Rio de Janeiro, Ago. 2011. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>

BERGAMO, A. MICK, J. et al. **Quem é o jornalista brasileiro**: perfil da profissão no país (2012). In: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. (Acesso: janeiro 2018).

CASACA, S. Mercado de trabalho, flexibilidade e relações de gênero: tendências recentes. In: **Mudanças Laborais e Relações de Gênero**: Novos vetores de (des)igualdade. Lisboa: lmedina, 2012.

FERNANDES, José Carlos. SANTOS, Márcio Renato dos. **Todo dia nunca é igual**: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da *Gazeta do Povo*. Curitiba: Ed. Gazeta do Povo, 2010.

FERNANDES, J.C; LIMA, M.R.D.V. Jornalismo investigativo e a criação de sentido na leitura social da cidade. In: Revista Comunicação Midiática, Bauru, Unesp, v. 13, n. 1, jan.abr. 2018. pp.155-171.

GMMP - **Global Media Monitoring Project** (2015). In: <http://whomakesthenews.org/gmmp/gmmp-reports/gmmp-2015-reports> (Acesso: janeiro 2018).

HOHLFELDT, 200. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LIMA, M.D.V. **Memória da Bioquímica no Paraná**: a criação de uma escola de pesquisa. Curitiba, Editora da UFPR, 2012.

LIMA, M.D.V; CAETANO, K. Implicações epistemológicas da pesquisa sobre novas práticas jornalísticas: por onde começar? Porto Alegre, PUCRS: **Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**, v, 22, n.3, 2015.

LIMA, M.R.D.V.; FERNANDES, J.C.; DALLA COSTA, R.M. Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterialização. Brasília: **Revista E-Compós**, v. 22, n. 1, jan.mar, 2019.

RUELLAN, Denis e ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalismo como invenção permanente: novas práticas, novos atores**. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1559-1.pdf> Acesso em: 14 mai. 2014.

SANT'ANNA, F. (2013). **Jornalismo, cada vez mais, uma profissão de mulheres**. In: (<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/95651/Jornalismo-cada-vez-mais-uma-profiss%C3%A3o-das-mulheres.htm>). (Acesso: janeiro, 2018).

SCOTT, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade** 20(2): 71-99

SILVEIRINHA, M. J. **As Mulheres e os Media**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

SOUZA, J. A invisibilidade das mulheres nos media: quando a representação de gênero define o sexo da notícia. **Revista Media & Jornalismo**, 2014, 24 (2): 91-103.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

VECCHIO-LIMA, M.; SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. Alternative spaces on the internet as a mean to make women visible in Brazilian journalism. Lisboa: **Media & Jornalismo** [online]. 2017, vol.17, n.31, pp.131-152. http://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_31_9.

VIEIRA, V.; SOUZA, S. D. **A mulher no noticiário brasileiro durante a Copa do Mundo, 2014** (livro eletrônico). São Paulo: Rede Mulher de Educação, 2014.